

# I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

## Emilio Willems e os estudos de religião no Brasil

Elio Roberto Pinto Santiago Filho  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** Emilio Willems é conhecido pela sua participação na consolidação das Ciências Sociais no Brasil, tendo realizado importantes pesquisas no país e na América Latina. Apesar de ter contribuído para o estudo de diversas temáticas referentes a nossa sociedade, tendo sempre em mente a dinâmica da mudança cultural, seus estudos de religião, publicados basicamente nas décadas de 50 e 60, não tiveram ainda o reconhecimento devido. Uma das explicações é que quase todos seus estudos desse campo foram publicados nos Estados Unidos e não tiveram tradução para o português. Outra explicação seria seu referencial teórico funcionalista, que foi fortemente criticado nas décadas de 70 e 80 no Brasil. O objetivo desta comunicação é expor as principais contribuições de Willems para o estudo do campo religioso brasileiro, analisando seus principais vetores teóricos e temáticos. Salienta-se que Willems antecipa diversos problemas que ocuparam antropólogos e sociólogos posteriores, mostrando sua vanguarda nesses estudos. Na intenção de direcionar com mais clareza sua contribuição intelectual, dar-se-á ênfase aos seus estudos sobre o pentecostalismo no Brasil. Serão tratados ainda temas paralelos que fizeram parte de suas análises, como a secularização e o pluralismo religioso.

**Palavras-chave:** Emilio Willems; religião; mudança social.

## Introdução

Pouco citado e reconhecido hoje em dia nos estudos de religião no Brasil, Emílio Willems foi responsável por pesquisas pioneiras no campo do protestantismo e do pentecostalismo no Brasil e na América Latina. O antropólogo, que ajudou a consolidar as Ciências Sociais no Brasil, assumindo a cátedra de Antropologia na USP na década de 30, dedicou boa parte de suas reflexões averiguando impacto dessas manifestações religiosas em solo autóctone. As razões para esse esquecimento tem algumas respostas. Primeiro que a maior parte dos seus estudos de religião foram publicados nos Estados Unidos e ainda não foram traduzidos para o português; segundo, sua alcunha de funcionalista, ponto fortemente criticado por especialistas do campo nas décadas de 70 e 80.

Esta comunicação, no entanto, não tem uma pretensão bibliográfica<sup>1</sup>. Objetiva explorar a contribuição do autor em tela na produção intelectual e acadêmica sobre os estudos desse campo religioso no Brasil, pontuando suas principais hipóteses, resultados e

---

1 Para uma bibliografia sintética de Willems ver Campos (2009) e Bôas (2000).

fundamentação teórica na intenção de formular um quadro elucidativo dos principais problemas colocados por Willems, muitos ainda atuais, e seu impacto e influência nos estudos posteriores realizados por outros especialistas. Almeja-se, doravante, retomar a importância de sua produção intelectual, reconhecendo suas virtudes e expondo as críticas formuladas por pesquisadores posteriores. A atenção impetrada aqui de nenhuma maneira tem uma proposta exaustiva sobre a amplitude de suas obras. Os textos em referência dizem respeito apenas aos seus estudos de religião. É uma interpretação focalizada de sua produção intelectual. Na intenção de balizar ainda mais a análise, dar-se-á maior atenção às suas análises sobre o subcampo pentecostal, não reconhecido por muitos pesquisadores dessa manifestação religiosa no Brasil. Destaco ainda a importância histórica de seus trabalhos, por aplicar em suas pesquisas o paradigma da mudança cultural nos estudos sobre o campo religioso brasileiro<sup>2</sup>.

Ademais, a importância de trazer à tona seus estudos de religião encontra-se no fato de que Willems antecipa diversas discussões e hipóteses que serão o centro do debate nos estudos de religião realizados no Brasil após a década de 70. Destaco, como exemplo, a tese de que o crescimento do pentecostalismo é concomitante ao desenvolvimento da secularização em nossa sociedade, que a participação política dos pentecostais é uma resposta de sua condição sectária e que uma situação de pluralismo ganha impulso com o crescimento dessa manifestação religiosa. Há, sem dúvida, um projeto pioneiro de estudos sobre o protestantismo e o pentecostalismo iniciado por Willems.

Na intenção de compor um quadro analítico dos estudos sobre a temática em questão, parte-se dos seus primeiros enfoques sobre os alemães no Brasil, averiguando como o Willems trata inicialmente o protestantismo germânico em relação com a cultura brasileira, já que em seus primeiros textos não há ainda uma preocupação com o que ele chamará futuramente de seitas pentecostais. Em seguida, busca-se analisar seus textos posteriores em que analisa o papel do protestantismo e do pentecostalismo diante de uma sociedade em mudança, ressaltando suas hipóteses e seus resultados de pesquisa, sem perder de vista seu trato teórico sobre o assunto. Seus textos adjacentes ao problema aqui proposto, mas não menos importantes, serão também citados na intenção de complementar o horizonte analítico do autor.

---

2 Na mesma época D'Apinay aplicou esse paradigma no estudo do pentecostalismo no Chile (Cf. D'Apinay, 1970).

## Protestantismo e aculturação

Em seus primeiros estudos, que versavam sobre a aculturação e a assimilação dos alemães no Brasil (WILLEMS, 1949; 1980), Willems já deixava claro a sua hipótese de que o protestantismo pontua uma tendência aculturativa quando penetra em sociedades que vivenciam outras realidades religiosas. Tal ponto de vista acompanha o autor até os seus últimos estudos sobre o protestantismo no Brasil. Basta precisar, como ele deduz, que o protestantismo é responsável por transformar o tradicional em moderno a partir de um processo de racionalização da vida. Tal tese, inspirada em Weber, foi averiguada no contexto europeu, mas é preciso atentar que Willems procura aplicá-la dentro do contexto religioso brasileiro, relacionando a vocação para o trabalho vinda com o imigrante com sua ligação religiosa.

A proposta inicial de Willems foi elucidar o problema da assimilação cultural do que ele chamou de “populações marginais”, ou seja, dos imigrantes germânicos no sul no Brasil. Para o autor, tal população na data de sua pesquisa, no início do século XX, não poderia ser tratada de forma homogênea, pois já experimentavam diversos níveis de assimilação através das gerações sucessivas. Os primeiros imigrantes tiveram a dificuldade inaugural, como verdadeiros desbravadores, de estabelecer os laços sociais necessários para o convívio social, precisando aprender o idioma e as técnicas sociais dos nativos, muito embora conservassem suas próprias técnicas. Para Willems, as gerações seguintes paulatinamente iam deixando de lado o germanismo tão cultivado pela primeira geração, acelerando, assim, o processo assimilador.

No tocante à religião, a preocupação de Willems, claramente, está em observar o papel do protestantismo germânico como limitador da assimilação dos grupos ádvenas. Segundo sua percepção, tal manifestação religiosa teria como primazia a conversão à cultura alemã, como ao idioma, por exemplo. Willems cita a Igreja Evangélica Luterana e suas diferenças de atitude diante da cultura nativa em relação ao luteranismo advindo dos sínodos estadunidenses. O catolicismo, assimilador por natureza, não via problemas em ter um diálogo direto com as culturas locais. Portanto, o protestantismo agia como um elemento limitador da assimilação dessas populações marginais. O *ethos* germânico faria parte do protestantismo alemão que não abre mão da perda dessa identidade. O caráter étnico que enseja limita a participação religiosa aos grupos referentes, sem buscar necessariamente uma integração com os nativos. Manter a identidade religiosa, nesse caso,

significava conservar a identidade étnica.

Em Weber, Willems encontra o referencial teórico para relacionar o protestantismo alemão com a vocação para o trabalho. Os imigrantes seriam muito mais afeitos ao trabalho sistemático do que os brasileiros, resultado de sua motivação religiosa. Mas o autor negligencia o fato de que essa vocação tem linhas teológicas próprias, não podendo ser tratada como uma característica geral do protestantismo. Tal causalidade compelia os imigrantes à vida dedicada ao trabalho em oposição à ociosidade do brasileiro, menos afeito às atividades laborais, na perspectiva do autor.

### **Cunha: o protestantismo como subversor da ordem tradicional**

Em um clássico estudo de comunidade feito na década de 1930 na cidade de Cunha, Estado de São Paulo, Willems sustenta em sua análise que está diante de uma sociedade em processo de secularização. Tal diagnóstico é inegável para o autor após perceber as mudanças que a cidade vem passando ao longo dos anos. A vida tradicional, ainda forte, teria sido penetrada por “costumes modernos” vindos de outras localidades que interferem na paulatina integração regional de Cunha.

A pluralidade religiosa, que já existia dentro do próprio catolicismo em Cunha, tendo como polarização principal a dicotomia Igreja oficial/crença popular e associações religiosas católicas, incrementa-se com a chegada do metodismo no final do século XIX. Willems pôde presenciar que o protestantismo constituía-se *pari passu* com a secularização de Cunha (WILLEMS, 1961, p. 205). O protestantismo havia sido responsável por desintegrar crenças mágicas e valores tradicionais até então inquestionáveis. Os metodistas distanciavam-se da vida mundana que relegavam aos católicos e negavam as credências populares do povo, distanciando-se, principalmente, das festas e rituais católicos dominantes. O espírito protestante que Willems já havia estudado nos teuto-brasileiros, implicava em mudanças totalizantes que influenciavam a vida social em sua plenitude. A racionalização que daí importava transforma o camponês em um sujeito reflexivo, capaz de superar crenças mágicas através de soluções racionais.

Mas o protestantismo teria também uma função importante para o autor: seria um agente integrador em uma sociedade em transição. Diante da desintegração da cultura tradicional, os valores protestantes teriam o papel de recompensar essas perdas, reintegrando as pessoas diante de novas premissas religiosas. São notórias as mudanças que Willems observa com a chegada do metodismo em Cunha, única denominação

protestante citada. Ao nível local, o protestantismo quebra a hegemonia católica e implica mudanças sociais profundas. Destaca-se daí uma situação emblemática do Brasil: a secularização é acompanhada de uma troca de valores religiosos com a sucessiva intensificação de uma outra manifestação religiosa, nesse caso de raiz protestante. Em estudos posteriores, como será visto, Willems pontua o pentecostalismo como a vanguarda desse processo. Por ora, sustenta-se que nesses primeiros estudos do autor, o protestantismo foi posto como fator de mudança social e deve também ser observado como um dos propulsores da transição brasileira do tradicional para o moderno. O que há de semelhante entre os teuto-brasileiros e a população de Cunha é que ambos vivenciavam um país em transição que enfrentava mudanças valorativas propiciadas pela inserção de valores religiosos exógenos capazes de quebrar laços tradicionais de vida.

### **Teoria, método e hipóteses**

Willems tem grande importância na institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, sendo conhecido como um dos principais representantes da chamada Escola de Chicago, ao se apropriar das teorias produzidas por pesquisadores dessa Escola sobre o campesinato, os imigrantes e as mudanças socioculturais<sup>3</sup>. Sua preocupação teórica, no entanto, dimensiona-se entre uma perspectiva ecológica da cultura e o estrutural-funcionalismo que acompanha a maior parte dos seus estudos sobre religião<sup>4</sup>.

Em seus primeiros estudos em que procura tratar do protestantismo, a saber, em “Assimilações e populações marginais no Brasil” e em “Aculturação dos Alemães no Brasil”, é visível sua influência da ecologia humana difundida pela primeira geração sociológica da Escola de Chicago. Esse referencial teórico traduz-se, por exemplo, nos conceitos de adaptação, competição, seleção, acomodação e simbiose utilizados para compreender as consequências socioculturais dos imigrantes alemães no Brasil. É também visível, nesse primeiro momento, uma influência de Weber e Simmel, pensadores contemporâneos a sua formação alemã, que influenciam sua busca em compreender as formas de associação dos grupos em sociedades capitalistas, bem como a relação significativa entre o indivíduo e a sociedade. Em Weber, como já exposto, Willems

---

3 É preciso considerar que a Escola de Chicago produziu um grupo heterogêneo de pesquisadores. As influências de Willems decorrem da primeira geração dessa Escola, da qual participam principalmente William I. Thomas, Florian Znaniecki e Robert E. Park. No entanto, ao reproduzir as ideias desses autores, termina por carregar toda uma herança teórica dessa escola como a já citada ecologia humana, mas também o interacionismo simbólico e o pragmatismo. (Cf. COULON, 1995, pp. 17-27)

4 Willems também tem grande influência de Simmel por causa de sua formação alemã, autor que costuma citar em seus primeiros estudos.

encontra o referencial para elucidar a vida econômica do teuto-brasileiro, auferindo nas comunidades de confissão protestante uma maior vocação para o trabalho sistemático do que nas comunidades católicas (WILLEMS, 1940, p. 260-261).

Seus estudos posteriores sobre o protestantismo e o pentecostalismo no Brasil e no Chile buscam o respaldo teórico, como o próprio autor assume, na perspectiva estrutural-funcionalista (WILLEMS, 1967a. p. V). Por meio dessa ótica teórica, Willems procura analisar o protestantismo pela sua posição determinante e funcional, dando ênfase ao seu papel modelador e positivo dentro da cultura, afirmando que o protestantismo é, ao mesmo tempo, a causa e o efeito das mudanças culturais (Ibid., p. 13). Eximindo-se de um debate teórico sobre essa perspectiva que, vale ressaltar, vem sendo motivo de embates desde o início do século XX nas Ciências Sociais, o autor, ao justificar a escolha dessa corrente de pensamento, salienta que a utiliza “no sentido mais amplo possível” (Ibid., *ibidem.*).

Essa abordagem, na verdade, mostra uma característica de Willems que o acompanha desde suas primeiras pesquisas: uma união entre as perspectivas micro e macro, entre a visão antropológica e a visão sociológica<sup>5</sup>. O autor, que ficou reconhecido também como um dos representantes dos estudos de comunidade no Brasil por causa da sua etnografia de Cunha, não deixa de analisar problemas estruturais da sociedade brasileira, principalmente relativos à mudança social. Em termos teóricos, o estudo de Cunha, seu estudo de comunidade pelo qual é conhecido, foi criticado por uma de suas ajudantes de pesquisa, Gioconda Mussolini, como tendo uma “fuga deliberada da teoria explícita” (MAIO; OLIVEIRA, 2001, p. 538). Willems não expõe seu aparato teórico geral quando realiza esse trabalho, mostrando um ar de arbitrariedade no trato dos conceitos. Essa crítica, ademais, caracteriza o reconhecimento dos estudos de comunidade mais como método do que como perspectiva teórica<sup>6</sup>.

A escolha do estrutural-funcionalismo como modelo teórico para os seus estudos de

---

5 Essas “tensões fronteiriças” como salientam Maio e Oliveira (2001, p. 529), marca os debates iniciais sobre a institucionalização dessa duas disciplinas no país.

6 A ligação de Willems com a Ecologia Cultural é muito visível na primeira edição do livro em 1947 que tinha o título “Cunha. Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil”. Por causa dos problemas relacionados à exposição dos dados, a edição seguinte de 1961, mais divulgada e conhecida, recebeu o nome de “Uma vila brasileira. Tradição e transição”. Os nomes dos informantes citados foram trocados e o nome da cidade de Cunha ganhou o nome fictício de Itaipava com o intuito de proteger o anonimato das informações. A parte disso, importa que em sua primeira edição Willems realiza um estudo antropométrico da população de Cunha que foi retirado na edição de 1961. Esse tipo de perspectiva também é bem visível em outro estudo de comunidade do autor, com o auxílio de Gioconda Mussolini, que resultou em um livro chamado “Búzios Island” publicado originalmente em 1952 e apenas recentemente traduzido para o português. Nesse estudo, Willems pesquisa uma comunidade caiçara que vivia “isolada” em uma ilha, descrevendo suas características sociais, culturais e biológicas, incluindo aí uma exposição antropométrica da média populacional. (Cf. WILLEMS, 2003).

religião na década de 60 estaria em coalescência com a sua hipótese sobre a dinâmica do pentecostalismo e do protestantismo na sociedade brasileira. Haveria, para Willems, uma relação funcional entre mudança sociocultural e expansão do protestantismo, já que o crescimento dessas crenças no Brasil ocorria em um momento em que a sociedade passava por transformações na estrutura social, dando ensejo ao crescimento e desenvolvimento de novas esferas de significação de acordo com as demandas dos grupos sociais. Essas demandas estariam evidentemente ligadas à posição de classe. O pentecostalismo, nessa ótica, seria uma resposta funcional as aspirações das classes pobres, enquanto o protestantismo seria uma resposta aos anseios da classe média.

Seriam duas as funções principais do protestantismo: uma compensatória e outra substitutiva (WILLEMS, 1967a, p. 168). O protestantismo, ao ofertar uma nova experiência comunitária, compensaria uma perda cultural de sentido, substituindo crenças tradicionais enfraquecidas em um contexto de mudança por uma nova experiência existencial. Do ponto de vista funcional, podemos falar em um equilíbrio do sistema cultural que estaria sendo ameaçado pela instabilidade de tais mudanças. Essa visão estrutural-funcionalista tende a ver a sociedade em contante equilíbrio e adaptação, não considerando que o conflito pode fazer parte do seu cotidiano sem que necessariamente conduza a um clima de anomia social. Aliás, Cox, discorrendo sobre a relação pontuada por Willems entre o crescimento pentecostal e esse clima de anomia, salienta que o pentecostalismo teria a função, a partir desse prisma teórico, de contrabalancear essa falta de sentido com um novo padrão de regras coerentes (COX, 1995, p. 171). O tema da anomia, é claro, carrega uma tradição analítica da sociologia clássica desde os estudos de Durkheim, um pensador funcionalista. Esse estado caótico seria apenas evitado por uma coesão social capaz de integrar os indivíduos à sociedade, dando um sentido coletivo, uma consciência coletiva, capaz de aglutiná-las diante de um ideal ou interesses comuns. O pentecostalismo seria parte dessa “liga” ao dar um novo sentido existencial e coletivo aos indivíduos desprendidos de uma ordem coerente, neste caso tradicional.

Em termos estruturais, as principais mudanças que prevaleciam na sociedade brasileira no período estudado por Willems resultavam, em síntese, das fortes migrações internas acompanhadas do sucessivo crescimento das cidades, da desintegração do feudalismo rural, do crescimento industrial e do surgimento de uma classe média urbana, além de mudanças na organização da estrutura familiar. Essas transformações seriam responsáveis por preparar um terreno fértil para o surgimento de novas crenças,

conduzindo o autor a ligar essas transformações à disseminação do protestantismo e do pentecostalismo. Haveria uma relação de causa e efeito, ou de afinidade entre tais mudanças estruturais e a nova busca funcional de significação religiosa.

### **Secularização e pluralismo religioso**

Desde o século XIX com o transplante dos protestantismos estadunidense e alemão para o Brasil, observamos o início institucional do pluralismo religioso no país. Apesar da prévia existência de um pluralismo interno dentro do catolicismo arraigado desde séculos passados, o denominacionalismo protestante que chega com os missionários e imigrantes cria, em termos de disputas internas no campo religioso, uma situação de competição religiosa. Fica claro que essa constatação refere-se principalmente ao protestantismo histórico de missão, que intensificou sua vocação proselitista desde sua instalação no país.

O protestantismo dissemina-se em condições favoráveis a sua aceitação a partir da diminuição da perseguição pelo Estado e da desestruturação dos valores tradicionais que para Willems é a causa do sucesso dessa nova crença. Em termos políticos, a separação entre a Igreja e o Estado é a base para uma situação de pluralismo (WILLEMS, 1980, p. 180). Em termos culturais e religiosos, um clima de ansiedade marcado pelas abruptas transformações da sociedade fermenta a busca por um novo sentido de vida, sintonizando o discurso do missionário com as expectativas de uma parcela da população.

No entanto, será na primeira metade do século XX que a situação de pluralismo se instala com mais intensidade a partir do desenvolvimento do pentecostalismo, do espiritismo e da umbanda. Apesar dessas três manifestações religiosas se distinguirem em forma, é preciso ver nelas um mecanismo sobrenatural comum: “A crença de que os seres sobrenaturais descem sobre os vivos e temporalmente se apropriam dos seus corpos” (Ibid., p. 185). No período em que Willems pesquisou o desenvolvimento desses três movimentos, pôde observar que eles executavam funções similares, sendo resultantes de uma difusão cultural em vigência na sociedade brasileira (WILLEMS, 1966, p. 208). A variedade de oferta religiosa durante esse período coaduna com a tese do autor de que essa nova busca espiritual da população corresponderia a mudanças estruturais e funcionais da sociedade, criando um contexto plural. Ao lado dessa situação de pluralismo com o surgimento de novas manifestações religiosas, Willems destaca também um outro fenômeno paralelo a esse contexto: a secularização crescente da sociedade brasileira. Para ele, a conversão ao protestantismo significava, em sua natureza, uma rejeição das esferas de valores tradicionais, pois negava suas superstições e credences populares (WILLEMS,



1955, p. 325). Essa substituição religiosa mostraria, nesse caso, uma racionalização da vida que acompanha as manifestações protestantes e pentecostais.

Esse diagnóstico pôde ser visto por Willems em todas as comunidades em que estudou o impacto do protestantismo e do pentecostalismo na vida social e cultural das pessoas. Desde de comunidades insulares, como em Pedrinhas, no litoral de São Paulo, passando por regiões rurais como em Cunha e por regiões urbanas como as capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, além de averiguar áreas rurais e urbanas no Sul, em todas elas o protestantismo e suas variações “sectárias” mostravam a mesma característica ao despertar uma visão de mundo mais racional em seus seguidores. Essa visão de mundo alastrava-se por todas as classes investigadas, tornando-se uma variável constante em suas obras.

O pentecostalismo desenvolve-se como síntese radical do protestantismo na América Latina. Surge num momento de desprendimento existencial das classes populares (WILLEMS, 1967a, p. 123), que carregados de uma fé cultural, cristã em sua base, insurgem-se simbolicamente contra a ordem tradicional dando uma nova forma a um velho conteúdo. As “seitas pentecostais”, ao mesmo tempo que são uma resposta às profundas transformações que assolam a sociedade brasileira, têm uma via dupla com o processo de secularização: o reforça, por motivos já expostos, além de expressarem uma busca contínua e crescente pelo sagrado.

A situação de pluralismo religioso é uma resposta funcional ao desprendimento da população dos valores tradicionais, em paulatina fragmentação pelas mudanças culturais em voga. A visão funcionalista de Willems é perceptível quando relaciona o pentecostalismo a uma adaptação do sistema de valores às mudanças estruturais da sociedade. Essa adaptação já havia se iniciado com o protestantismo, como afirma o autor: “O protestantismo no Brasil se desenvolveu com grande plenitude que desde o ponto de vista funcional estava conectado, e sempre está, com mudanças culturais que caracterizam a transição de uma sociedade agrária paternalista do passado à sociedade industrial do presente” (WILLEMS, 1980, p. 180).

Na pesquisa realizada em Cunha, Willems presenciou o que ele chamou de sintomas de secularização (WILLEMS, 1961, p. 170), como o desapego de parcela da população a tradições, dando ênfase ao comportamento dos protestantes que se negavam a participar das festividades e das danças comemorativas anuais, como a festividade do Divino Espírito Santo. Em relação aos cuidados com a saúde, por exemplo, o autor afirmou que era também possível os traços de ceticismo que tem influenciado diversos aspectos da

vida local. Quando narra histórias de curadores<sup>7</sup> da região que passaram a contar com a ajuda de médicos em seus procedimentos, Willems afirma que “Essa falta de confiança que alguns especialistas mágicos revelam com relação a sua própria influência, se nos afigura como indício de racionalização e secularização”( Ibid., p. 170-171). Quando descreve e analisa o festival do Divino Espírito Santo, principal evento religioso da cidade, percebe também mudanças que liga ao mesmo fenômeno pelo qual tem passado todas as esferas da cidade. Assim, a não distribuição tradicional de carne à população foi interpretada como “um índice de secularização” ligado notoriamente a fatores materiais e econômicos da festa (WILLEMS, 1961, p. 205). Mas é na introdução dessa obra em 1961 que Willems expõe o conceito que utiliza de secularização:

(...) o termo se refere a regras ou normas específicas, substantivas, relacionadas com o sobrenatural, e ao papel que elas desempenham nos diversos setores da cultura. Afirmar que uma sociedade está se secularizando equivale a dizer que pelo menos algumas de suas atividades se desprendem do ritual religioso ou mágico que outrora as permeava (Ibid., p. 14).

Em seguida, ao relacionar individualização e secularização, o autor termina, mesmo sem debruçar-se exaustivamente sobre o tema, expondo uma situação de pluralismo:

O homem de Itaipava<sup>8</sup> que perdeu a fé nas práticas propiciatórias tradicionais, pode escolher entre o credo protestante, o ateísmo professado ou simplesmente a indiferença. Em qualquer uma dessas hipóteses, suas atitudes diante do sobrenatural se secularizam, mesmo se escolhe o protestantismo, pois os fatos apresentados no presente estudo atestam que, no afã de livrar-se de “superstições”, os protestantes tendem a reconhecer uma linha de demarcação definida entre o sagrado e o secular, assinando a este uma esfera de ação consideravelmente maior do que os não-protestantes que ainda se protegem contra o mau-olhado, acreditam em “coisa feita” e fazem promessas aos santos (Ibid., p. 14-15).

Sua análise de Cunha é sobremaneira a percepção de um processo de secularização constatado em todas as esferas da vida social. Essa perspectiva não tem uma pretensão reducionista de sua obra vicinal em tela, mas procura chamar a atenção para o contexto dentro do qual o pentecostalismo entra em cena. Como afirmado anteriormente, o crescimento de novas crenças é simultâneo a esse processo de secularização, mostrando que o aparecimento de novas correntes religiosas permitem uma reinvenção e uma

---

7 Segundo Rolim, Willems prefere usar o termo curadores do que usar o termo curandeiros por causa do seu significado pejorativo (Cf. ROLIM, 1989, p. 178).

8 Nome fictício de Cunha dado por razões já mencionadas.

continuidade do sagrado na cultura e na sociedade. É nesse espírito que Willems encerra essa introdução afirmando que o processo de desencantamento “está sendo repellido pelas massas que preferem o espiritismo e, sobretudo, o pentecostalismo” (Ibid., p. 15). Suas pesquisas realizadas no Brasil e no Chile sobre o crescimento do protestantismo e do pentecostalismo em anos anteriores à reedição do seu estudo sobre Cunha, mostra uma realidade ambígua presente na sociedade brasileira em transição, ao mesmo tempo em secularização e em avivamento religioso. Ademais, quando realizou sua pesquisa de campo nesse município, talvez as denominações pentecostais não tivessem ainda presentes ou eram ínfimas a ponto de não serem documentadas em seu livro.

### **Da ética protestante ao espírito do pentecostalismo**

Uma leitura da principal obra de Willems (1967a), *Follows of the New Faith*, que versa sobre o protestantismo e o pentecostalismo no Brasil e no Chile conduz, a meu ver, a uma consideração de que o autor ora trata as duas manifestações em voga de forma homogênea, ora expõe uma diferenciação inerente entre ambas. O subtítulo do livro “*Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile*” deixa evidente essa dúvida, já que demonstra, ao longo da obra, que o pentecostalismo tem assumido a vanguarda da presença protestante principalmente no Brasil. Além disso, o antropólogo não formula uma classificação do pentecostalismo brasileiro, afirmando apenas que reconhece sua diversidade. A única classificação utilizada pelo autor é a do pentecostalismo enquanto seita, referindo-se constantemente e genericamente em suas análises às “seitas pentecostais”. Haveria apenas seitas mais radicais e menos radicais.

Podemos ver em Willems uma preocupação específica em relação ao pentecostalismo em um artigo publicado em 1967 (1967b), em que o antropólogo estuda a validação da autoridade das “seitas pentecostais” no Brasil e no Chile. Neste artigo, o autor busca analisar o fundamento e a legitimação da autoridade pentecostal. Os dados fazem referência ao seu trabalho de campo sobre o protestantismo chileno e brasileiro levantados em 1959 e 1960. Sem uma relativização do conceito de seita, Willems utiliza esse termo destacando de antemão suas três características principais que ele chama de atitude triangular: ocorrem em estratos baixos; tem componentes milenaristas e messiânicos e rejeitam os valores do mundo.

Mais adaptadas ao contexto transicional da sociedade brasileira, as duas recém criadas denominações na data de sua pesquisa, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo

(IBC) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) mostravam para Willems uma adaptação do pentecostalismo às mudanças sociais vigentes. Afiguravam um radicalismo menos acentuado do que as denominações do pentecostalismo de primeira onda, além de serem, em suas origens, tipicamente urbanas. Há essencialmente uma mudança de perspectiva teológica que as distingue das denominações anteriores que cultivavam uma urgência escatológica. A IEQ e a IBC tinham uma preocupação com os males do presente, arrefecendo as aspirações em um celeste porvir, ao mostrar que a cura imediata em seu sentido social, biológico e espiritual podia ser buscada por qualquer um. Seu crescimento se dá junto a locais onde havia forte presença de imigrantes, predominantemente em áreas urbanas afetadas pelos vetores modernizantes de uma nova consciência cidadina em secularização.

Willems destaca três técnicas operacionais que ajudam a explicar o sucesso dessas duas “seitas pentecostais”: a tenda, o rádio e o evangelho da salvação imediata (WILLEMS, 1967a, p. 121). Vemos através delas uma ampliação da mensagem evangélica adaptada a sociedade de massas associada ao espetáculo performático de cura divina nas famosas tendas itinerantes que ficaram conhecidas pelo traço transdenominacional, pois não prescreviam nenhuma condição prévia do fiel para a participação nesses cultos. Indivíduos de outras denominações, até mesmo do protestantismo histórico, participavam dos cultos. A oferta religiosa não fazia distinção entre os consumidores, para usar uma terminologia mercadológica, além de não impor um comportamento puritano aos novos conversos ou novos membros. Fica evidente que o pentecostalismo de segunda onda apresenta uma reorientação em relação ao mundo, substituindo o devir escatológico pelo aqui e agora (Ibid., p. 220). As preocupações transitórias da cultura podem ser geridas no presente, bastando o indivíduo apoderar-se da mensagem difundida pelo pregador, agora também disponível em meios midiáticos. A *koinonia* tão forte e determinante no pentecostalismo de primeira onda na forma de uma ética comunitária é substituída por uma ética individualista. Essa atitude não unívoca do pentecostalismo de segunda onda obviamente coexiste com características seu irmão mais novo, porém é preciso pontuar que a mudança de orientação em voga por parte dos novos grupos que surgem tem fortes afinidades com o contexto sociocultural em que estão inseridos. Não vemos uma atitude tão radical em relação à cultura como na Assembleia de Deus e na Congregação Cristã no Brasil, tratadas por Willems como seitas radicais.

Observando essas mudanças no campo pentecostal brasileiro, o autor percebe que o

sucesso do pentecostalismo está ligado tanto a sua função integradora quanto a sua sinergia com elementos da cultura brasileira, além de desempenhar um papel revolucionário a partir de sua entonação contracultural. Destaca-se aqui, a atitude reflexiva dos pentecostais que para Willems representava uma “passagem da escuridão para a luz e a verdade através de um processo de metamorfose espiritual” (WILLEMS, 1955, p. 35). Abster-se álcool, não participar de jogos de azar, valorizar a honestidade, obedecer a lei e dedicar-se à leitura formal são alguns traços do crente que se opõem à cultura dominante.

Apesar de Willems ser responsável por influenciar uma gama de pesquisadores que o sucedem nessa empresa, as críticas relativas às suas análises não demoram a surgir. Essas críticas marcam principalmente uma transição de paradigma nos estudos de religião no Brasil. A partir da década de 70, o paradigma da mudança social começa a ser substituído pela análise antropológica relativista. Um exemplo do espírito crítico desse momento é o texto de Fry e Howe (1975) que propõe uma compreensão do pentecostalismo e da umbanda a partir do ponto de vista culturalista. Rejeitam a proposição analítica de Willems, militando a favor de uma pesquisa dos significados envolventes na composição das redes sociais (Ibid., p. 83). Isso explicaria, defendem, o motivo que levaria à escolha, por parte do fiel, do pentecostalismo ou da umbanda, ponto que não teria sido elucidado nem por Willems, nem por Camargo (Ibid., p. 76). Afirmam ainda que a filiação religiosa deve ser vista “como estratégia social e não como integração”(Ibid., p. 85). Essa perspectiva tem suas raízes no interacionismo simbólico e no culturalismo estadunidense, evidenciando a intenção relativista dos autores ao redirecionarem a compreensão do fenômeno religioso ao significado dos agentes, analisando suas biografias e suas redes de influência.

No entanto, a crítica mais aguçada a esse paradigma não parte dos relativistas culturais. O sociólogo Francisco Cartaxo Rolim, em 1985, analisa e critica em um estudo sobre o pentecostalismo no Brasil o ponto de vista de Willems, Camargo e Muniz no trato que fazem da relação entre pentecostalismo e mudança social. Dando especial atenção a Willems, mostrando uma exceção nos estudos de religião do Brasil, Rolim reconhece que ele percorre um caminho mais analítico que os outros dois pesquisadores (ROLIM, 1985, p. 120). O sociólogo, porém, contesta a tese de Willems sobre o papel do migrante no crescimento do pentecostalismo. Willems teria, ao seu entender, visto o migrante como um indivíduo desorientado na cidade, subscrevendo o pentecostalismo como um tipo de orientação existencial plausível (Ibid., p. 121). Fry e Howe contestam também essa visão.

Para eles, os imigrantes necessariamente não sofriam choques culturais, pois seguiam redes de parentesco em seus deslocamentos territoriais (FRY; HOWE, 1975. p. 85).

### **Considerações finais**

Os estudos de religião de Emilio Willems são de grande importância histórica e teórica para a compreensão do campo religioso brasileiro, destacando-se aqui sua vanguarda nos estudos sobre pentecostalismo em solo autóctone. Seus textos sobre religião, apesar de pouco conhecidos, expressam uma preocupação do autor com um fenômeno de grande amplitude no Brasil e na América Latina, que é a vida religiosa, objeto de estudo de grande importância caso se deseje compreender as mudanças sociais em suas mais diversas consequências. Os problemas que analisa de forma profunda antecedem diversas discussões nos estudos de religião no Brasil, influenciando, destarte, na formação de diversos pesquisadores posteriores. Sua heterogeneidade teórica, pouco estudada por seus críticos, permite ver a religião como um fenômeno dinâmico. A religião é causa e consequência das mudanças sociais. É inegável sua função compensatória, bem como é inegável sua função criativa. A falta de tradução desses estudos, porém, mostra-se como um entrave para seu devido reconhecimento. Nem mesmo seus críticos debruçaram-se sobre sua amplitude intelectual, fundamentando seus argumentos em uma produção parcial do autor, sem uma visão de conjunto apropriada.

### **Bibliografia**

BÔAS, Gláucia Villas. De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville - a sociologia de Emílio Willems entre fronteiras. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 171-188, novembro de 2000.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

COX, Harvey. *Fire from heaven: The rise of Pentecostal Spirituality and the reshaping of religion in the twenty-first Century*. MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1995.

D'APINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRY, Peter; HOWE, Gire Nigel. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. *Debate e Crítica*, 6:75-94, 1975.

OLIVEIRA, Nemeu da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil. *Soc. estado.*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 521-550, 2011.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo no Brasil: uma Interpretação Sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Rezador, curandeiro, vidente e adivinho. In: LANDIM, Leilah (Org.). *Sinais dos tempos: tradições religiosas no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1989.

SOUZA, Beatriz Muniz de . *Experiência de salvação: Pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

WILLEMS, Emilio e Mussolini, Gioconda. *Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no Sul do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2003.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

WILLEMS, Emílio. Acculturative aspects of the feast of the Holy Gost in Brazil. *American Anthropologist*, v. 51, p. 400-408, 1949.

WILLEMS, Emilio. *Followers of the new faith: Culture, change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Vanderbilt: Vanderbilt University Press, 1967a.

WILLEMS, Emílio. *Latin American Culture. An anthropological synthesis*. New York, Harper & Row, 1975.

WILLEMS, Emílio. Pluralismo religioso y estructura de clases: Brasil y Chile. 2ª ed. In ROBERTSON, Roland (org). *Sociología de la Religión*. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

WILLEMS, Emílio. Protestantism and culture change in Brazil and Chile. In: D'ANTONIO, William; PIKE, Frederick (orgs.), *Religion, revolution and reform*. New York: Praeger Publishers, pp. 93-105, 1964.

WILLEMS, Emílio. Protestantism as a Factor of Culture Change in Brazil. *Economic Development and Cultural Change*. vol. 3, No. 4 (Jul., 1955), pp. 321-333.

WILLEMS, Emilio. Religious mass movements and social change in Brazil. In: BAKLANOFF, Eric (org.), *New perspectives of Brazil*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1966.

WILLEMS, Emílio. *Uma vila brasileira: Tradição e transição*. São Paulo: Difel, 1961.

WILLEMS, Emilio. Validation of authority in Pentecostal sects of Chile and Brazil. *Journal for the Scientific Study of Religion*, nº 6, Fall 1967b, pp. 253-258.